

# LINGUAGENS TEOLÓGICAS E ANTROPOLÓGICAS: IMPLICAÇÕES NA CONCEITUAÇÃO DA ARTE NA ASSEMBLEIA DE DEUS<sup>1</sup>

*Theological and anthropological languages: implications in the conception of art in the assemblies of god*

Valdinei Ramos Gandra<sup>2</sup>

Orlando Afonso Camutue Gunlanda<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente texto se ocupa em discutir as relações existentes entre Teologia, Antropologia e Arte no movimento pentecostal, especificamente na Assembleia de Deus. Num primeiro momento, o texto encaminha alguns pontos que caracterizam aspectos da concepção antropológica oficial na Assembleia de Deus. Logo em seguida, discorre-se sobre o lugar das produções artísticas no discurso oficial da Assembleia de Deus. A principal questão que move a reflexão está relacionada a tentativa de perceber se os aspectos

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 13 de julho de 2016 e aprovado em 27 de julho de 2016 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Coordenador e Professor do Bacharel em Teologia da Faculdade Refidim. Contato: Gandra@ceeduc.edu.br.

<sup>3</sup> Pós-graduando em Discipulado e Cuidado. Graduado em Teologia pela Faculdade Refidim-Joinville, SC. Graduando em Psicologia na Faculdade Guilherme Guimbala – ACE, Joinville, SC. Integrante da Equipe de Pesquisa da Faculdade Refidim. Natural de Angola, atualmente residente no Brasil. Contato: orlando@ceeduc.edu.br.

antropológicos da teologia pentecostal assembleiana interferem diretamente ou não nos modos como a experiência assembleiana se relaciona com as produções artísticas contemporâneas. Deste modo, as pesquisas sinalizaram que se fazem necessárias algumas ampliações nas discussões sobre os conceitos de Arte e Teologia a fim de possibilitar superações de algumas dicotomias e depreciações.

**Palavras-chave:** Antropologia; teologia; arte; Assembleia de Deus.

## **ABSTRACT**

The present text discusses the existing relations between Theology, Anthropology and Art in the Pentecostal movement, specifically in the Assemblies of God. In a first moment, the text sets some aspects that characterize the official anthropological conception in the Assemblies of God. Following there is the discussion on the place of artistic productions in the official discourse of the Assemblies of God. The main matter that moves the reflection is related to the attempt of perceiving if the anthropological aspects of the Assemblies' Pentecostal theology, directly interferes or not on the way that the Assemblies' experience relates with the contemporary artistic production. This way, the research signalizes that there is the need to expand the discussion on the concepts of Art and Theology to make the overcoming of some dichotomies and depreciations possible.

**Keywords:** Anthropology; theology; art; Assemblies of God.

## **INTRODUÇÃO**

O presente texto, parte da tentativa de perceber algumas concepções antropológicas pentecostais e suas implicações no modo como este movimento cristão se relaciona com a produção artística. Além disso, a discussão pretende sinalizar as implicações que uma leitura antropológica gera na relação que se estabelece com a arte, particularmente a concepção antropológica pentecostal.

Tomaremos a Assembleia de Deus como representante da tradição pentecostal, embora o pentecostalismo seja uma expressão religiosa marcada pela diversidade. Essa escolha se justifica devido a expressividade

numérica dessa denominação no espaço brasileiro, no entanto, não se encerra nela<sup>4</sup>.

Por fim, o texto vai encaminhar algumas sinalizações que abrem espaço para um possível diálogo entre a produção artística contemporânea e a teologia pentecostal assembleiana. De modo geral, a temática se apresenta relevante na medida em que ela proporciona um diálogo criativo entre linguagem antropológica, teológica e artística, sendo também um texto que nasce e se constrói sob a participação intensa em pesquisas envolvendo o campo religioso pentecostal.

## 1 LINGUAGENS TEOLÓGICAS E ANTROPOLÓGICAS NA ORGANIZAÇÃO DO MUNDO RELIGIOSO ASSEMBLEIANO

A teologia pentecostal é descendente da tradição cristã ocidental e latina, desse modo, apesar de suas singularidades, ela mantém profundas relações com os demais segmentos cristãos descendente dessa tradição. Embora apresente singularidades na sua teologia, particularmente em sua hermenêutica pneumatológica<sup>5</sup>, permanece ligada às bases comuns do

---

<sup>4</sup> Segundo os dados do IBGE em 1980 apenas 6% da população brasileira se declarava evangélica. No ano de 2000 a porcentagem sobe para 15,4% de evangélicos. Dez anos depois, 2010, a porcentagem aumenta para 22,2%. Esse crescimento ocorreu especialmente no segmento pentecostal, pois representou 60% dos 42,3 milhões de evangélicos em 2010, algo em torno de 25,3 milhões de pessoas. A igreja Assembleia de Deus é a maior representante, até a realização do último censo, do pentecostalismo quanto ao número de fiéis, aproximadamente 12,3 milhões de fiéis, um crescimento aproximadamente de 48% na década de 2000 a 2010. Recorte da dissertação de Mestrado de: GANDRA, R. Valdinei. *Patrimônio cultural da Assembleia de Deus: memória e identidade na criação do centro de estudos do movimento pentecostal* – CEMP. Joinville: UNIVILLE, 2014. p. 52.

<sup>5</sup> Hermenêutica pneumatológica é entendida como o modo pelo qual a Teologia Pentecostal lê a Bíblia. Nesta perspectiva, o sujeito pentecostal lê a Bíblia a partir do entendimento da ação do Espírito Santo contida nela e, mediante a qual ele entenderá a Bíblia. A ação de Deus nas Escrituras se dá pelo Espírito Santo, logo o entendimento dela passa necessariamente por uma abertura a experiência do Espírito que clarifica o texto e comunica para o leitor. Pensa-se ainda que, toda a ação de Deus é uma ação a partir do Espírito, sendo compreendida apenas sob a perspectiva do Espírito.

restante da tradição cristã.<sup>6</sup> Deste modo, as bases principais da teologia tradicional como pecado, salvação, trindade, céu, inferno, o bem, o mal e a igreja, fazem parte da sua galeria teológico-doutrinária. A diferença consiste nos modos como estes conceitos se materializam, mediatizados pela concepção pneumatológica.

Nesse sentido, a teologia pentecostal também é perpassada por algumas concepções oriundas da tradição neoplatônica, pensamento agostiniano e reformado, no que diz respeito, por exemplo, a concepção antropológica. Portanto, para pensar as linguagens antropológicas do pentecostalismo, se faz necessário recorrer à antropologia cristã tradicional, influenciada pelo neoplatonismo, teologia patrística, medieval e protestante.

García Rubio<sup>7</sup> ao comentar sobre o pensamento de Platão, que muito influenciou a tradição cristã, afirma que na obra intitulada “Fédon” – de Platão - a alma e o corpo são tratados como entidades separadas porque pertencem a mundos antagônicos. A relação entre corpo e alma é vista por uma perspectiva negativa. Muitas dessas concepções platônicas foram apropriadas pelo helenismo e conseqüentemente respingaram em alguns modos de perceber a experiência cristã, principalmente na patrística. Segundo o teólogo Wolfhart Pannenberg<sup>8</sup>, não é exagero afirmar que nenhuma outra filosofia da antiguidade marcou tão fortemente a história inicial da teologia cristã quanto o platonismo. Apesar dessa influência, a apropriação da filosofia platônica não foi total, foi acessada primordialmente para fins apologéticos.<sup>9</sup> Os teólogos deste período, como

---

<sup>6</sup> Cf. ALBANO, Fernando. *Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: EST/PPG, 2010. p. 26.

<sup>7</sup> RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 77-78.

<sup>8</sup> PANNENBERG, Wolfhart. *Filosofia e teologia: tensões e convergências de uma busca comum*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 33.

<sup>9</sup> Cf. ALBANO, 2010. p. 15.

por exemplo, Justino o Mártir, Clemente de Alexandria, Orígenes, Agostinho de Hipona, eram adeptos da tradição platônica.

Na denominada idade média (séc. VI-XV), a concepção dualista ganhou maior espaço e evidência. Tal predominância justificou-se principalmente pela influência de um dos teólogos mais importantes desse período, Agostinho de Hipona. Para Jürgen Moltmann, o problema é que “seus pensamentos teológicos giram em torno de um único e grande ponto: ‘Deus e alma’. Sua fraqueza residiu no fato de que Agostinho elevou a alma até Deus, porém depreciou o corpo e os sentidos, bem como a natureza e os demais seres vivos”.<sup>10</sup> Apesar de sua prevalência, embora não tenha sido a única na tradição cristã, há o reconhecimento de que a transição dessa leitura antropológica dualista permaneceu ao longo da Idade Média, atravessou a modernidade e ainda se reatualiza de diversas formas na contemporaneidade.

Pode-se dizer que o pentecostalismo, em suas origens estadunidenses a partir do final do século XIX, herdou essa leitura antropológica. De igual forma, o movimento pentecostal brasileiro, que é um desdobramento do pentecostalismo ocorrido naquele país, se configurou antropológicamente a partir da percepção antropológica medieval.

O teólogo assembleiano Eurico Bergstén, em sua teologia sistemática, uma das primeiras na perspectiva assembleiana, define o homem como sendo um ser tríplice, pois segundo ele, Deus, sendo trino, criou o homem como um ser tríplice, isto é, composto de corpo, alma e espírito.<sup>11</sup> Percebe-se nessa afirmação que a antropologia assembleiana

---

<sup>10</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 82.

<sup>11</sup> BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p.152.

pretende dar a entender que o ser humano é também uma enunciação teológica, ou seja, o homem representa a semelhança de Deus que se apresenta em três pessoas. A diferenciação se daria na dimensão corrompida da natureza humana. Eurico Bergstén sinaliza ainda para o fato de que sendo Deus Espírito, “criou o homem com uma parte espiritual, isto é, com alma e espírito. Esta parte espiritual é invisível e imaterial, conhecida como o ‘homem interior’ e habita no corpo, que é ‘homem exterior’”.<sup>12</sup> Outra analogia interessante que Eurico Bergstén faz da constituição do ser humano é a do tabernáculo judaico:

Assim como o tabernáculo no deserto era dividido em três partes, também o homem o é. O pátio do tabernáculo representa a parte externa e visível do homem, que é seu corpo; O lugar santo, que não se podia ver de fora, representa a alma e, o lugar santíssimo representa o espírito do homem. A parte exterior do homem é visível e mortal, enquanto a parte interior é imaterial, invisível e imortal.<sup>13</sup>

Seguindo a tradição dualista ocidental, parece que esta analogia reserva ao corpo o lugar de pouco privilégio e de pouca valorização em relação aos lugares da ‘alma’ e do ‘espírito’. Tal interpretação não somente representa o lugar de cada uma das partes do ser humano na antropologia assembleiana, mas também o valor dado a cada uma delas, pelo menos é o que faz parecer o texto. Além disso, Bergstén destaca que “o valor do corpo está em sua alta finalidade de ser morada da alma e do espírito do homem. O corpo do homem conserva a vida enquanto o espírito e a alma nele permanecem”.<sup>14</sup>

Do mesmo modo, o teólogo assembleiano Elienai Cabral afirma que no pensamento pentecostal o corpo por si mesmo não tem poder algum. Seu poder deriva da alma, que é superior e o governa, já que a alma manda

---

<sup>12</sup> BERGSTÉN, Eurico. *Teologia sistemática*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. 127.

<sup>12</sup> BERGSTÉN, 2005, p. 129.

<sup>14</sup> BERGSTÉN, 2005, p. 130.

e o corpo apenas obedece.<sup>15</sup> Severino Pedro da Silva, apresenta de modo mais explícito a hierarquia valorativa da antropologia pentecostal ao interpretar um versículo que aparece na Epístola de Paulo aos Tessalonicenses: “Vosso espírito, alma e corpo” (I Ts 5.23). Segundo ele: “O espírito é a parte proeminente, daí ser mencionado primeiro; o corpo é a mais inferior, e por isso é mencionado por último; a alma fica no meio e por isso é mencionada entre os outros dois”.<sup>16</sup> Na mesma linha, Elinaldo Renovato, um dos principais comentaristas da Revista da Escola Bíblica Dominical, entende que a percepção antropológica mais coerente com o texto bíblico é a doutrina tricotômica, uma vez que “seu ensino honra as Escrituras e se harmoniza com elas, pois de acordo com a Bíblia, o homem tem uma constituição tríplice”.<sup>17</sup> Inclusive para Severino Pedro da Silva, a “tríplice constituição, dependendo de cada função, três coisas a caracterizam: o espírito para ter comunhão com Deus; a alma para lhe obedecer e o corpo para lhe servir”.<sup>18</sup>

Desse modo, a antropologia assembleiana oficial, se mostra tricotômica e com hierarquia de valoração, onde o corpo acaba sendo inferior em relação ao espírito e a alma. Apesar de Renovato apresentar uma leitura mais positiva do corpo<sup>19</sup>, também não foge muito da hierarquização das três dimensões. Assim, Albano afirma que na perspectiva

---

<sup>15</sup> CABRAL, E. Mordomia cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 60.

<sup>16</sup> SILVA, Severino Pedro da. *O homem: a natureza humana explicada pela Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1988. p. 126.

<sup>17</sup> RENOVATO, Elinaldo. Antropologia: a doutrina do homem. In: GILBERTO, Antonio, et al. *Teologia Sistemática Pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 270.

<sup>18</sup> SILVA, 1997, p. 18.

<sup>19</sup> É possível realizar esta leitura a partir do capítulo que o autor escreve sobre a “doutrina do homem” no livro de Teologia Sistemática de Antonio Gilberto. Sua perspectiva um pouco mais favorável se verifica na medida em que dá a importância do corpo como Templo do Espírito e morada de Deus, por isso ele enfatiza a santidade do mesmo. Apesar de pouco significativo, pois na verdade o corpo continua sendo colocado numa escala inferior, ainda assim representa o avanço de que o corpo é o Templo do Espírito.

antropológica pentecostal o corpo é “instrumentalizado” e “coisificado”, pois é entendido como instrumento, como algo que serve de veículo da alma para se comunicar com o mundo.<sup>20</sup> Percebe-se, portanto, que a maior parte do entendimento antropológico assembleiano, pelo menos até a década de 1980<sup>21</sup>, permaneceu com uma teologia hierárquica das dimensões que constituem o ser humano, dando ao corpo a última posição.

Por outro lado, há um aspecto paradoxal a ser destacado na antropologia pentecostal, pois em suas comunidades a ação pneumatológica acontece principalmente na dimensão do corpo, tais como, oração em línguas, dança no espírito, usos e costumes de santidade relacionados à vestimenta, uma vez que servem de sinalização corpórea de uma perspectiva de espiritualidade. O certo é que, mesmo o corpo sendo inferior, parte da espiritualidade pentecostal se manifesta no corpo, pelas sensações corpóreas e movimentação do corpo, algo perceptível na liturgia do culto. “Portanto, na doutrina oficial o corpo está de certo modo desvalorizado e limitado, enquanto que na prática litúrgica o corpo é afirmado”.<sup>22</sup>

A manifestação do corpo não tem algum valor em si mesmo, mas sim na medida em que ela sinalizar a presença do Espírito. “Na perspectiva pentecostal, boa parte das expressões corporais mais entusiasmadas dos crentes, não são atitudes meramente voluntárias do sujeito, mas sim manifestações do Espírito Santo sobre os corpos, fazendo-os pular, dançar,

---

<sup>20</sup> ALBANO, 2010, p. 28.

<sup>21</sup> Recortamos esse período pelo fato de que as principais obras de Teologia Sistemática pesquisadas nesse texto foram escritas entre a década de 1980-90. Por outro lado, a escolha dessa data tem por objetivo de perceber os contrastes e as variações dessas concepções até ao momento atual da Igreja Assembleiana no Brasil. Apesar de oficialmente se estabelecer essa doutrina como predominante, o certo é que nas comunidades estão acontecendo algumas sinalizações diferentes da concepção do corpo na relação com a espiritualidade. A quebra de alguns usos e costumes quanto a vestes, pinturas, atividade física, representam indícios de novas perspectivas antropológicas ou pelo menos novos modos de se relacionar com o corpo.

<sup>22</sup> ALBANO, 2010, p. 30.



aplaudir, entre outros”.<sup>23</sup> Em outras palavras, o corpo é simplesmente instrumentalizado. “A ideia é que o espírito do homem é a parte que, como uma janela aberta para o céu, lhe dá condições de sentir a realidade de Deus e da sua palavra”.<sup>24</sup> É nesse sentido que a espiritualidade assembleiana deprecia a produção corpórea.

Se para a teologia assembleiana é no “espírito” que acontece a relação com Deus, pode-se dizer, portanto, que somente os “crentes” teriam essa relação mística. Os que não são crentes não poderiam usufruir desse privilégio. Segundo Eurico Bergstén, os que não são crentes “têm o espírito morto, inativo, isto é, separado de Deus. São dominados pelos pecados e concupiscências, sem possibilidade de ver a glória de Deus”.<sup>25</sup> Isto implica no fato de que somente o crente, pela sua relação com Deus, pode produzir alguma obra que edifique ou direcione o ser humano a uma experiência de espiritualidade com Deus. O “incrédulo”, para usar uma linguagem assembleiana, não possui tal possibilidade por si mesmo, já que sua produção não procede de um “espírito” vivo ativo e criativo suficiente para a contemplação de Deus. Esta concepção, por questões óbvias, possui várias implicações, particularmente no modo como o assembleiano lida com a arte, questão central na presente reflexão.

## **2 O LUGAR DA ARTE NOS DISCURSOS TEOLÓGICOS E NAS PRÁTICAS ASSEMBLEIANAS**

O discurso teológico é, acima de tudo, um labor humano na tentativa de perscrutar, mapear, discutir e situar no espaço e tempo as infundáveis experiências humanas com o sagrado durante seu percurso

---

<sup>23</sup> ALBANO, 2010, p. 30.

<sup>24</sup> BERGSTÉN, 2005, p. 132.

<sup>25</sup> BERGSTÉN, 2005, p. 132.

histórico. Esta condição caracteriza a teologia como um saber sobre a experiência humana de espiritualidade numa dimensão histórica, antropológica, psicológica, social e econômica. Nesse sentido, teologia e arte se encontram na medida em que ambas se ocupam em discursar sobre as experiências do humano nas suas variadas dimensões.

Em linhas gerais, compreendemos a arte enquanto processos de produção humana com dimensões estéticas, que contemplam o belo, a imaginação, a criatividade e propõem discursos políticos, éticos, existenciais e religiosos. A arte possui a capacidade de enriquecer a experiência humana<sup>26</sup>, bem como também de ser um acontecimento espiritual, enquanto expressão da interioridade do homem, das suas alegrias e dores, da sua inquietação e júbilo, da sua fome de beleza e da mortal miséria da sua condição.<sup>27</sup>

Martins entende que a arte é uma expressão do desejo de beleza e de amor que, silenciosamente, palpita no coração de cada homem, do qual o artista, por vocação e missão, é intérprete e tradutor.<sup>28</sup> A arte, é um símbolo, um modo de expressão que pode despertar a nossa paixão pela liberdade e veracidade, a nossa fome de justiça e de amor, o nosso desejo de comunhão, de reconciliação e de paz.

O filósofo russo Leon Tolstói definiu a arte como uma forma de comunicação de sentimentos autênticos, com os quais o artista contagia os destinatários das suas obras, criando uma espécie de comunhão de sentimentos. Por isso, a arte também tem uma função moral e social.<sup>29</sup> Para este autor, arte não serve a si mesma, pois seu conteúdo se encontra

---

<sup>26</sup> ROOKMAAKER, H. R. *A arte moderna e a morte de uma cultura*. Viçosa, MG: Ultimato, 2015. p. 12.

<sup>27</sup> MARTINS, M. A. Antônio. As formas do espírito: Espiritualidade, teologia e arte. *Rev. THEOLOGICA*, 2. Série, 45, 2, 2010, p. 297-312.

<sup>28</sup> MARTINS, 2010, p. 298.

<sup>29</sup> TOLSTÓI, Leon. *O que é a arte?* São Paulo: Experimento, 1994.

nos sentimentos humanos mais elevados, impregnada de religiosidade autêntica e acessível a todas as pessoas.<sup>30</sup>

A produção artística apresenta, reapresenta, transforma o discurso na vida, pois a arte, como forma única de comunicação não existe isoladamente; ela participa do fluxo unitário da vida social, ela reflete a base econômica comum e, ela se envolve em interação e troca com outras formas de comunicação.<sup>31</sup> Desta forma, a possibilidade da arte está no diálogo que ela estabelece com a vida e seus acontecimentos, com as experiências cotidianas, com as interioridades e exterioridades que demarcam os territórios nos quais habitamos.

Ao relacionar a experiência artística e religiosa, Geraldo Paiva insiste na importância da primeira para a segunda enquanto o conteúdo espiritual da religião é corporificado, ou seja, trazido à condição da existência física pela arte.<sup>32</sup> A arte tem a potencialidade de materializar o imaginário religioso, sendo ela mesma, outra forma de conduzir os sujeitos para uma experiência religiosa.

A arte é coerente na medida em que interpreta as dimensões simbólicas da vida, as faz vibrar, as aprofunda. O artista revela a sua espiritualidade nas obras de arte que cria. Elas podem contar a história da sua existência; são como que formas e encarnações materiais que foram tomando a sua aventura espiritual.<sup>33</sup> Nesse sentido, ela tem a capacidade de sensibilizar, evocar sentimentos e deslocar de modo subjetivo olhares sobre as coisas.

---

<sup>30</sup> TOLSTÓI, 1994, p. 78.

<sup>31</sup> ZANELLA, V. Andréa; VARGAS, Antônio. Dialogia processo de criação e obra de arte. *17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais*. Anabe, Florianópolis, 2008. p. 1587.

<sup>32</sup> PAIVA, J. Geraldo. Experiência Religiosa e Experiência Estética em Artistas Plásticos: Perspectivas da Psicologia da Religião. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004. 17(2), pp. 223-232.

<sup>33</sup> MARTINS, 2010, p. 298.

A experiência com o sagrado também é “potencializadora” de manifestações artísticas, pois a produção artística religiosa é atravessada pela espiritualidade. A arte se movimenta sempre na busca da representação do que é belo, na boniteza das experiências e devolve essa busca mediante produções corpóreas e materiais. Martins compreende que,

A Beleza (busca da arte) e bondade (condição teológica) coincidem em Deus; e a sua obra criada é, simultaneamente, boa e bela. Este é um dado que atravessa toda a Escritura. Depois de ter criado o ser humano (homem e mulher), Deus, contemplando em regozijo, viu tudo o que tinha feito; e era muito bom -”belo” (Gn 1,31). Bom e belo é o que agrada a Deus, o que corresponde à sua vontade; é tudo o que une e cria harmonia. As coisas podem ser boas e úteis, mas a dimensão do belo, a dimensão da estética, é aquela que tudo une, que mantém em conjunto; é a componente simbólica que tudo unifica.<sup>34</sup>

Apesar disso, as expressões artísticas, como a dança, a pintura, a escultura, a poesia, não são acessadas no movimento pentecostal como modos de expressão regular de sua espiritualidade, tendo em vista que, além de serem tidas essencialmente como modos de expressão “mundana”, persiste o receio de que tais produções estariam mais ligadas à dimensão corpórea do que espiritual, portanto, sem validade para a edificação espiritual. Desse modo, nos discursos teológicos dos agentes produtores da cultura assembleiana, a arte, não é aceita ou acolhida como experiência do espírito. Algo paradoxal para uma teologia pneumatológica, pois o Espírito é descrito no Novo Testamento como agente de criatividade e ordenação das dimensões do belo na configuração existencial.

Carlos Calda Filho afirma que os evangélicos latino-americanos – brasileiros e hispano-americanos – tradicionais, pentecostais e

---

<sup>34</sup> MARTINS, 2010, p. 298.

neopentecostais são quase sempre avessos a qualquer tipo de manifestação artística, especialmente na liturgia.<sup>35</sup> O mesmo autor sinaliza o fato de que tanto a reflexão sobre a arte quanto a produção artística em si, são “pontos cegos” para os evangélicos, em particular os pentecostais assembleianos.<sup>36</sup>

Vale lembrar que os discursos assembleianos produzem uma leitura de mundo sob a ótica das oposições, como por exemplo: graça e pecado; carne e espírito; sagrado e profano, etc., direcionando a uma leitura de vida radicalizada em extremos da negação ou da aceitação total. Nesses discursos, a arte é colocada no extremo ligado às categorias mundanas e carnavais (corpo), ela pode evocar paixões de carnalidades, fontes instigadoras de pecados. Desse modo, se estabelece uma relação de distanciamento da maior parte das produções artísticas.

No entanto, ainda que de forma muito reduzida, há recentemente no discurso assembleiano, vozes dissonantes, como é o caso do teólogo assembleiano Fernando Albano. Ele defende que a teologia pentecostal deveria desenvolver novas possibilidades antropológicas, principalmente no sentido de uma relação mais positiva com o corpo, visto que há uma mistura entre a visão dualista cartesiana e o neoplatonismo antropológico.<sup>37</sup> Tal perspectiva se apoia na questão de que a concepção antropológica assembleiana contraria uma cosmovisão teológica mais holística do ser, porquanto, “a pessoa humana é corpórea e, assim, o corpo humano não deve ser considerado um mero instrumento da alma, como queria o platonismo; também não é pura exterioridade, como afirmava o dualismo cartesiano. A corporeidade é uma dimensão da pessoa humana, do “eu” humano”.<sup>38</sup>

---

<sup>35</sup> CALDA, R. Carlos. O lugar da Arte na Teologia Evangelical Latino-americana. *CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – HISTÓRIA E SOCIEDADE*, Vol. 6 • N. 1 • 2008, 76-89.

<sup>36</sup> CALDA, 2008, p. 79.

<sup>37</sup> ALBANO, 2010.

<sup>38</sup> RUBIO, 1989. p. 280.

Não se pode dizer, de modo conclusivo, que não há expressões artísticas na Assembleia de Deus, isso contrariaria inclusive concepções contemporâneas de arte, pois não se pode mais concebê-la somente a partir de suas categorias históricas, ou seja, *representação fiel da realidade e critério de beleza*.<sup>39</sup> Na contemporaneidade a arte é definida pelo artista e pelo olhar do sujeito receptor da obra de arte.<sup>40</sup> Existe produção artística na experiência pentecostal, embora seja numa escala muito reduzida.

As práticas artísticas na Assembleia de Deus, como a dança, a música, o teatro, as expressões pictóricas, encarnam os discursos teológicos da supervalorização das dimensões do “espírito”. O corpo está sempre sob suspeita, há um policiamento para que não haja o menor sinal de “sensualidade” e extravasamento de fortes emoções.

Exemplifica esta questão uma prática recente introduzida nas Assembleias de Deus, as denominadas coreografias. Ao som de músicas do repertório gospel, as componentes, sempre mulheres, com os corpos bem cobertos com vestimentas que remetem a aspectos “angelicais”, apresentam passos ensaiados apontando sempre para o “espiritual”. Conceitos como céu, vida eterna, vida com Cristo, etc., perpassam a apresentação. A comunidade participa com palavras de Glória a Deus e Aleluias e não são raros os casos em que os fieis se manifestam com “línguas estranhas”, para usar um termo assembleiano. O mesmo vale para as outras atividades artísticas, como o coral, as músicas, tanto as congregacionais quanto individuais, a banda, etc.

Percebe-se, no entanto, que há fissuras nos muros de proteção teológica das práticas artísticas assembleianas. Nos grupos de coreografias, por exemplo, principalmente dos adolescentes, “escapam” do policiamento

---

<sup>39</sup> ROSENFELD, 2009, p. 51-52.

<sup>40</sup> DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história*. [After the end of art: contemporary art and the pale of history]. Posfácio à edição brasileira de Virgínia H. A. Aita. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

religioso algumas manifestações corporais “transgressoras”, o que denota a dificuldade que os agentes religiosos encontram para “represar” e “doutrinar” os corpos, principalmente em suas subjetividades. O sujeito assembleiano contemporâneo, atravessado pelas infinitas linguagens culturais e artísticas que as mídias possibilitam, “joga” entre a “assimilação” e a “transgressão”, porém, o faz com exímio equilíbrio para que a liderança se sinta confortável com a “ilusão” do controle dos “corpos”.

Desse modo, mesmo que não tenha nas produções artísticas um enfoque de relevância, já que são encaradas como sendo da carne, sem muita riqueza espiritual e, portanto, sem utilidade para o “espírito”, o sujeito assembleiano encontra uma maneira de se elevar em dimensões artísticas, mesmo que não tenha consciência de conceitos definidores de arte. A busca e representação do belo de algum modo se faz presente.

Mesmo que ajustadas à sacralidade, a arte, enquanto linguagem carregada de significações e formas de ver a vida, de expressar e materializar conteúdos teológicos, sociais, políticos, econômicos e culturais, está presente no sujeito assembleiano e participa do jogo de “assimilação” e “transgressão”, como descrito acima.

Para finalizar, pode-se dizer que pelo menos em um aspecto o pentecostalismo e a arte contemporânea se aproximam, os dois movimentos nascem como negação da formalidade religiosa e social que caracterizam a racionalidade do período moderno, baseado nas formas universalizantes de definir a experiência da vida. A negação à formalidade, o nascimento na periferia e a articulação com a linguagem dos marginalizados, foram condições que propiciaram o surgimento de um pentecostalismo com características marginais.<sup>41</sup> Do mesmo modo, a arte

---

<sup>41</sup> CAMPOS, S. Leonildo. As origens norte americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação pouco avaliada. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set./nov. 2005.

contemporânea também nasce sob o signo da contestação de algumas crenças ocidentais fortemente cristalizadas e de formas artísticas historicamente consagradas.<sup>42</sup> É neste sentido que tanto o pentecostalismo assembleianos quanto a arte contemporânea se assemelham, embora não estabeleçam boas relações devido ao seu aspecto teológico-antropológico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A teologia pentecostal, em particular assembleiana, conserva ainda a perspectiva antropológica tricotômica, com tendências claras aos antagonismos: bem e mal. Essa percepção dificulta a aproximação de reflexões relacionadas à Arte.

Embora a Arte Contemporânea e o Pentecostalismo tenham nascido praticamente no mesmo século, não existiram muitos diálogos entre eles. A hipótese desta reflexão é que tal distanciamento se deve principalmente pelas concepções antropológicas e teológicas que o movimento pentecostal apresenta. Para a Teologia Pentecostal, a produção que não é feita por sujeitos religiosos cristãos não tem em si mesmo valor algum para o bem e edificação espiritual. São produções na esfera do corpo, sem direcionamento eficiente ao espírito. Assim, a Arte, na experiência pentecostal, só é reconhecida se for sacralizada, fora disso, ela não tem algum valor em si.

Apesar dessa negação efetiva da arte, o fato é que o cotidiano religioso pentecostal tem registros constantes dela. O exemplo disso é a presença de quadros artísticos nas salas de reuniões, nos escritórios de pastores, na música, na “coreografia”, e nas orquestras.

Outro fator que implica também na relação do movimento pentecostal com as produções artísticas contemporâneas é o fato de que a

---

<sup>42</sup> Cf. ROOKMAAKER, 2015, p. 12.



produção artística como pintura, dança, poesia e teatro, foram expressões de uma cultura burguesa moderna, símbolo de elitismo. O pentecostalismo, no entanto nasce da periferia, da marginalidade tanto no Brasil como nos Estados Unidos da América. O acesso a produção artística não era para classes menos privilegiadas. O espírito contestador das expressões artísticas contemporâneas também contribuiu para a não assimilação de certos movimentos artísticos que demandavam um olhar treinado para compreendê-los. Estes também são fatores a serem considerados na leitura que se faz do distanciamento do pentecostalismo diante de certas produções artísticas contemporâneas.

Por fim, diante das questões que o texto levantou, se viu a possibilidade de um diálogo promissor entre Arte e Teologia Pentecostal. Para isso, se faz necessário, a superação de um modelo antropológico que deprecie a produção material, a elaboração de uma reflexão teológica que encontre na arte caminhos de expressão de espiritualidade e uma leitura de arte enquanto enunciação estética. A experiência pentecostal é pneumatológica e de caráter estético, belo, ético, sentimental e deslocador. Nesse sentido, arte e experiência pentecostal partilham da mesma busca, a busca pela fonte da vida.

Arte e Teologia Pentecostal Assembleiana precisam fazer as pazes e serem um pouco mais toleráveis. Lembrando que tanto a arte quanto a fé pentecostal são caracterizadas pela liberdade de expressar sentimentos, valores, ideais e subverter modos cristalizados de vivenciar a experiência humana.

## REFERÊNCIAS

- ALBANO, Fernando. *Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: EST/PPG, 2010.
- BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- BERGSTÉN, Eurico. *Teologia Sistemática*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- BERLIN, Isaiah. *As raízes do romantismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2015, p. 31-32.
- CALDA, R. Carlos. O lugar da Arte na Teologia Evangelical Latino-americana. *CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – HISTÓRIA E SOCIEDADE*, v. 6 • N. 1 • 2008, 76-89.
- CAMPOS, S. Leonildo. As origens norte americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação pouco avaliada. *REVISTA USP*. São Paulo, n. 67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.
- CABRAL, E. *Mordomia Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história*. [After the end of art: contemporary art and the pale of history]. Trad. de Saulo Krieger, Posfácio à edição brasileira de Virgínia H. A. Aita. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- MARTINS, M. A. Antônio. As formas do espírito: Espiritualidade, teologia e arte. *Rev. THEOLOGICA*, 2. Série, 45, 2, 2010, p. 297-312.
- MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- RENOVATO, Elinaldo. Antropologia: a doutrina do homem. In: GILBERTO, Antonio, et al. *Teologia Sistemática Pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- ROOKMAAKER, H. R. *A arte moderna e a morte de uma cultura*. Viçosa, MG: Ultimato, 2015.
- ROSENFELD, Kathrin H. *Estética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- SILVA, Severino Pedro da. *O Homem: a natureza humana explicada pela Bíblia*. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- TOLSTÓI, Leon. *O que é a arte?* São Paulo: Experimento, 1994.
- ZANELLA, V. Andréa; VARGAS, Antonio. *Dialogia, processo de criação e obra de arte. 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais*. Florianópolis: 2008.